

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

Olho o Mar Mediterrâneo e vejo um dos principais palcos em que camitas, semitas e indo-europeus actuaram. Reconheço que não me seria possível falar sobre segurança e defesa nesta região sem meditar a saga dos filhos de Noé, as suas rivalidades e desencontros, as suas adesões e partilhas, enfim, o milenar atrito entre necessidades territoriais e peculiaridades próprias, idiossincrasias a que os modernos chamam socio-culturais.

Como pesar o presente e futurizar sem antes rever? Dos primórdios à actualidade? E no concreto caso deste mar, como entendê-lo sem considerar o Livro? O livro das três religiões que continua a flutuar nas suas águas.



Caindo aqui na tentação da análise, mas ciente de que as árvores não permitem ver a floresta, resistindo além, num esforço de síntese, usando dedução, indução e analogia, recorrendo não sem despudor a textos alheios quando isso foi considerado importante, o meu trabalho organizou-se e definiu-se, permitindo-me, assim o espero, alcançar um pouco mais longe. Evitei, tanto quanto pude, pôr o Machereque (Territórios Palestinos, Egipto, Jordânia, Líbano e Síria), a face mediterrânica de Sem, para um lado, os Balcãs, "em cima à direita", para outro, mais além os europeus ocidentais do Sul. Aqui a Anatólia, as Terras do Levante como as viam os Gregos e, no extremo oposto, o Magrebe (Argélia, Líbia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia), as Terras do Poente, onde as querem os Árabes. Porque o Mediterrâneo, com as diversas partes sempre muito inquietas, sempre muito ciosas das suas particularidades, e isto desde há milénios, forma um tapete de cores vivas mas de fição inextricável. Diria Khalil Gibran, cristão libanês, que quando um dos fios se quebra, o tecelão examinará toda a teia, e todo o tear.

Mas é possível um compromisso entre análise e síntese. Durante a elaboração deste ensaio, tentei nunca perder de vista que sem confiança é improvável a segurança e aquela exige que sejamos capazes de compreender o Outro, colocando-nos na sua posição. Procurei ainda conhecer a avaliação que cada rival faz do outro. Tendo por horizonte encontrar o modo de harmonizar contrariedades, pressuposto de uma paz duradoura. Ua xá illah.

I – A TENTAÇÃO DA ANÁLISE

No actual estágio de desenvolvimento das sociedades humanas, segurança e defesa são duas faces de uma mesma moeda. Moeda que compra prosperidade e bem-estar. E porque até "os Deuses vendem quando dão", a segurança é quase sempre paga em liberdades. Limitando-se, os pragmáticos, a marralhar. No nosso Mediterrâneo estamos habituados a pagar.

1. Conflitos

Inventariando os actuais ajustes de contas:

a) O conflito israelo-árabe, problema complexo cujas fronteiras reais e virtuais extravasam os dois Estados em confronto, gerando à sua volta alianças que agravam a complexidade do problema, aumentando assim o grau de dificuldade da sua resolução;

b) A questão dos Balcãs, onde os diferendos estão longe de harmonizados e os acordos de Dayton não asseguraram a continuidade da paz. A intervenção da OTAN possibilitou alguma estabilidade que poderá dissipar-se quando o Organização retirar as suas forças;

c) O diferendo greco-turco, materializado na disputa pelas ilhas no Mar Egeu. E no qual releva a questão cipriota, nomeadamente a divisão de Chipre desde 1974, que suscitou permanente instabilidade entre a Grécia e a Turquia. Trata-se de atritos que pesam nas relações entre os dois países e que seriam, provavelmente, bastante mais graves, se não fossem ambos membros da OTAN;

d) A questão curda, eternamente adiada, sem resolução à vista;

e) O mal-estar turco-árabe, latente desde os anos vinte do século passado. Por um lado, a laicização do Estado Turco, com Kemal Atatürk a suprimir o alfabeto árabe. Por outro, as tribos árabes seduzidas por T. E. Lawrence, a ferirem gravemente o flanco do Império, protector do Islão, alinhando com os seus inimigos mortais;

f) O Iraque continua a consumir-se numa interminável guerra para a qual tem sido convidada a nata dos guerreiros islâmicos. Excelente laboratório e campo de treinos para uns, terror para os restantes, com o Irão à espera da sua oportunidade;

g) A Argélia e os seus problemas internos. O exército argelino, enquanto espinha dorsal do Estado, foi bem-sucedido em impedir os islamitas de tomar o poder. Estes, embora dispersos pelo território, continuam a provocar danos consideráveis. Os Cabilas, berberes montanheses, orgulhosos da sua particularidade cultural, parecem actualmente apaziguados. Mas não é de prever que desistam da Grande Cabília;

h) O Sara Ocidental, onde a Frente Polisário, intérprete das aspirações autonomistas do povo Saraoui desencadeou uma luta armada apoiada pela Argélia, contra Marrocos, donde resultou a República Árabe Saraoui Democrática, reconhecida por quase setenta Estados. Em resposta, Marrocos pratica desde 1975 uma política que visa alterar a demografia do Sara Ocidental aliciando os seus nacionais a emigrarem para aquele território. Esta questão amplifica as tensões que sempre existiram nas relações algero-marroquinas. Cada um destes países pretende a liderança regional, o que alimenta a desconfiança mútua.

2. Riscos e Ameaças

Conscientes dos riscos[3]:

- O potencial para a instabilidade a partir de conflitos abertos ou latentes, israelo-palestiniano e balcânico, que interferem com os interesses de segurança da Europa;
- O Médio Oriente e com ele o conflito que impede a normalização de relações da maioria dos países árabes com o mundo "ocidental";
- A tensão greco-turca em redor da ilha de Chipre;
- A disparidade entre os desenvolvimentos socioeconómicos e tecnológicos dos dois lados do Mediterrâneo, instigando as migrações;
- O crescimento demográfico descontrolado a Sul;
- Os problemas de natureza ecológica ligados à degradação do ambiente;
- As tensões relacionadas com a segurança e a exploração dos recursos estratégicos energéticos;
- As divergências sobre a gestão dos recursos hídricos;
- A emergência dos fenómenos de criminalidade transnacional como o tráfico de drogas, armas e seres humanos;
- Imigração clandestina, com as dificuldades de integração nos países de acolhimento que acarreta, originando importantes atritos sociais, como a criminalidade e a xenofobia, entre outros.

Conscientes até mesmo de riscos que alguns consideram desnecessários, como a presença, desde há cinco décadas, da Sexta Armada da Marinha dos EUA (criada em 1948 para responder aos movimentos soviéticos no Mediterrâneo e regiões vizinhas) que, constituída por um ou dois porta-aviões, duas dezenas de navios de escolta e cerca de quinze mil "marines", cruza permanentemente o Mediterrâneo Oriental.

E das ameaças:

- O terrorismo, cujo fantasma de cariz islâmico provém agora de redes e células dispersas pelo território europeu;
- A proliferação de armas de destruição maciça, considerada por alguns a maior ameaça ao espaço mediterrânico pela capacidade de negociação que a sua posse confere aos seus detentores, tanto quanto pelo grau de destruição que armas nucleares, químicas ou biológicas podem causar nas populações;
- A criminalidade organizada, com a Europa como alvo privilegiado. Além do tráfico transfronteiriço de

armas, drogas, mulheres e migrantes clandestinos, a pirataria marítima representa uma nova faceta da criminalidade organizada, a merecer maior atenção.

3. Diálogos

Temo-nos desdobrado em iniciativas que, cremos bem, visam a cooperação, o diálogo e o entendimento mútuo (sem descuidar a segurança/defesa) entre as várias partes em atrito neste mosaico policromo:

a) A OTAN e a segurança do Mediterrâneo

O fim da Guerra Fria e as ameaças e riscos que têm emergido na região do Mediterrâneo tornaram esta zona de importância estratégica crescente para a OTAN. Neste sentido, a Aliança tem vindo a transferir o centro de gravidade das suas preocupações do Atlântico para o Mediterrâneo para salvaguardar os interesses dos seus membros nomeadamente no que se refere à livre circulação de rotas comerciais, garantia de segurança e estabilidade na região, passando a valorizar a interdependência das seguranças europeia e mediterrânica. Em 1994 lança o Diálogo Mediterrâneo (DM), com o objectivo de ajudar a estabilizar a região pela cooperação em clima de confiança. Em Fevereiro de 1995, Egipto, Israel, Mauritânia, Marrocos e Tunísia, aceitaram participar no DM. Seguiram-se-lhes a Jordânia em Novembro de 1995 e a Argélia em Fevereiro de 2000.

O Conceito Estratégico de 1999 já definia o DM como instrumento essencial da estratégia geral de parceria, diálogo e cooperação da Aliança. Com o correr do tempo, o DM tem-se alargado e aprofundado. O número de países aderentes cresceu, os debates políticos multilaterais tornaram-se mais frequentes e os contactos bilaterais passaram a predominar. Actualmente, o Programa de Trabalho anual inclui a informação, o planeamento civil de emergência, a ciência e o ambiente, a gestão de crises, a política e a estratégia de defesa, o armamento portátil e ligeiro, a desminagem, a proliferação, e todo um programa de cooperação militar.

b) A Parceria Euro-Mediterrânea da União Europeia

Enquanto os esforços da OTAN incidem sobretudo no Mediterrâneo Oriental, a Europa concentra-se no Mediterrâneo Ocidental não só pela proximidade histórico-cultural com o Magrebe, mas também porque se encontram nesta região recursos energéticos de que carece. A necessidade de estabilidade e segurança que suscitam crescimento económico e atenuem a violência político-religiosa, limitem a migração clandestina e garantam a segurança do gasoduto euro-magrebino mobilizaram a Conferência de Barcelona de 1995, que teve por objectivo pôr em marcha um processo de negociação tendente ao aprofundamento das relações políticas, económicas e sociais entre os países membros da UE e onze países mediterrânicos (Argélia, Chipre, Egipto, Israel, Jordânia, Líbano, Malta, Marrocos, Síria, Tunísia e Turquia) não pertencentes à União, e ainda a Autoridade Palestiniana.

O Processo de Barcelona tem tropeçado com dificuldades relacionadas com as animosidades regionais, a burocracia e o financiamento, encontrando-se actualmente, pelo seu décimo aniversário, mal de saúde, um somatório de relações bilaterais e já não um programa comum. O Processo tem contemplado três aspectos:

- A cooperação política e de segurança visando a definição de uma área comum de paz e estabilidade pelo reforço do diálogo político;
- A cooperação económica e financeira com vista à criação de uma zona de prosperidade partilhada, através de uma parceria económica e financeira, bem como o estabelecimento gradual de uma zona franca até 2010;
- A cooperação social, cultural e humana, com o objectivo de fomentar o entendimento entre as diversas culturas das duas margens do Mediterrâneo.

A adopção de uma Estratégia Comum para o Mediterrâneo, no Conselho Europeu da Feira, enfatizou a importância vital desta região para a concretização de uma Política Europeia de Segurança e Defesa (PESD), cujos objectivos finais são a paz e a estabilidade europeias.

O Programa MEDA é o principal instrumento financeiro da UE para a implementação da parceria euro-mediterrânica e conta com o apoio do Banco Europeu de Investimento. No âmbito deste programa é disponibilizado apoio técnico e financeiro para acompanhamento e reforma de estruturas económicas e sociais. Para o período de 2000/2006 o programa foi dotado com 5,350 milhões de euros.

c) Diálogo 5 + 5

Trata-se de um fórum de diálogo político informal lançado por François Mitterrand e Claude Cheysson, criado em 1990 e relançado em Lisboa em Janeiro de 2001. O diálogo 5 + 5 reúne cinco países do sul da Europa (Portugal, Espanha, França, Itália e Malta) e os cinco países (Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Mauritânia) da União do Magrebe Árabe. Os temas abordados nas reuniões anuais relacionam-se com a estabilidade e a segurança no Mediterrâneo Ocidental, o desenvolvimento económico, a integração magrebina, os intercâmbios humanos e as migrações. A 21 de Dezembro de 2004 e na sequência de várias reuniões os Ministros da Defesa dos dez países assinaram em Paris a Declaração de Intenções sobre a cooperação no domínio da segurança. Foi igualmente decidida a criação de um Steering Committee para acompanhamento e definição das acções práticas a desenvolver. A Comissão terá capacidade para criar grupos ad hoc de especialistas.

d) Grupo de Trabalho sobre o Controlo de Armas e a Segurança Regional

Parece ser o único fórum em que Israel e países árabes (excluindo a Síria, a Líbia e o Iraque, além do Irão) debatem questões de segurança. Foi estabelecido em 1991 na Conferência de Paz de Madrid.

e) Reuniões Económicas do Médio Oriente e do Norte de África (MENA)

Lançadas em 1994 na Conferência de Casablanca com o objectivo de estabelecer associações entre o sector público e privado centrando a atenção em oportunidades comerciais imediatas e em projectos do Médio Oriente e do Norte de África. O Banco de Desenvolvimento MENA, criado em 1995 na reunião de Amman, é uma das instituições-chave desta iniciativa, tendo iniciado a sua actividade em 1998. Muitos dos países da UE receiam que as actividades do Banco sejam dominadas pelos EUA e que os seus projectos sejam canalizados para o Médio Oriente em detrimento das necessidades de investimento no Norte de África.

f) Grupo de Contacto Mediterrâneo da OSCE

A OSCE é o único fórum regional que junta todos os países da Europa e que, como estrutura de segurança, poderá vir a ter um papel determinante na resolução de conflitos na Europa (ver Anexo III). Mantém relações privilegiadas com a Argélia, o Egipto, Israel, a Jordânia, Marrocos e Tunísia enquanto parceiros mediterrânicos para a cooperação.

g) Colóquios C4

Este ano (2005) organizados pelo Centro Alti Studi Difesa, em Roma, decorreram entre 25 e 27 de Maio. O tema geral debatido pelos elementos dos países participantes (Portugal, Espanha, França e Itália), foi: "Instrumentos para o relançamento do processo de cooperação no Mediterrâneo Ocidental". Deu-se conta das dificuldades, financeiras e outras, pelas quais está a passar o Processo de Barcelona por altura do seu décimo aniversário. E de que a margem sul prefere tratar o Mediterrâneo, parcela a parcela, de acordo com os seus interesses sub-regionais.

h) Diálogos bilaterais

Além destas iniciativas multilaterais, têm sido consideradas relevantes as relações bilaterais entre países, que muitas vezes beneficiam de entendimentos privilegiados cujo valor vai para além dos interesses dos países envolvidos, podendo com frequência resolver bloqueios de relacionamento. Os países do Magrebe, cansados da relação tutelar com a França e com a Espanha, antigas potências coloniais da região, têm vindo a considerar Portugal[4] como um parceiro a ter em conta. Recordem-se as disputas territoriais entre a Espanha e Marrocos que lhes tem azedado o diálogo.

II - OS EUA E O GREAT MIDDLE EAST

Devemos ter presente que não nos é possível eliminar os Estados Unidos da América desta equação.[5] De facto, para os EUA a região teve sempre um interesse especial. Importante fonte de energia para a sua economia, mas também de fundamentalismo e terrorismo, onde o risco de proliferação de armas de destruição maciça não é negligenciável. Após a Guerra do Golfo, o processo de paz Israelo-Árabe levou os EUA a organizar as Conferência MENA (Middle East and North Africa) que visavam o fim do boicote árabe a Israel e a integração deste na região, por via económica.

Com o fim do processo de paz e o boicote da Liga Árabe à IV Conferência em 1997, o processo MENA foi suspenso. Em Junho de 1998, durante uma visita à Tunísia e a Marrocos, Stuart Eizenstat (antigo Secretário de Estado Norte-americano para a Agricultura e Assuntos Económicos) propôs uma parceria entre os EUA e os estados do Magrebe, a US-NorthAfrica Economic Partnership. A

proposta contemplava quatro aspectos: diálogo regular a alto nível, o Magrebe seria tratado como região própria, atribuição ao sector privado de um papel central na dinamização da economia e reformas promotoras da liberalização comercial intra-magrebina. Esta estratégia e contacto mantiveram-se até aos atentados de 11 de Setembro de 2001 que poderão ter contribuído para a recente iniciativa lançada pelos EUA denominada Great Middle East e que inclui as seguintes aspectos:

- É uma parceria e não uma imposição;
- Abarca os âmbitos políticos (democratização, transparência, boa governação, etc.), económicos (liberalização) e educacionais (expurgar dos currículos qualquer referência negativa aos aspectos religiosos e civilizacionais, por exemplo);
- Em termos geográficos vai desde o Norte de África ao Paquistão, incluindo a Turquia e o Irão;
- As questões de segurança são tratadas a nível bilateral ou multilateral.

Estas propostas compreenderão:

- Uma Carta ou Declaração de Princípios mencionando as liberdades de expressão, de consciência e de associação, a igualdade de tratamento das mulheres, a protecção de propriedade privada, bem como a promoção de normas democráticas e dos direitos humanos[6];
- Uma melhor coordenação por parte dos EUA e da UE dos programas existentes no âmbito das reformas políticas, económicas e da educação;
- A avaliação de necessidade de uma nova estrutura de diálogo político específica da região, a emanar dos países que a constituem;
- Abordagem da questão da segurança e do combate ao terrorismo.

Esta iniciativa é vista por alguns como uma excelente oportunidade de cooperação estratégica entre os vários elementos da Comunidade Internacional, e por outros como resultado de uma “visão messiânica e neo-conservadora” dos EUA para a região. Os EUA consideram existir na região uma grande necessidade de mudança quer ao nível da governação, quer ao nível económico e das reformas políticas, sendo tal sentimento já perceptível localmente. Isto inscreve-se na sua nova Estratégia de Segurança onde é manifesta a intenção “de apoiar os governos moderados, especialmente no mundo muçulmano, para assegurar que as condições e ideologias que promovem o terrorismo não encontrem terreno fértil em nenhuma nação”.

Os EUA parecem querer a UE como parceiro neste processo, com um trabalho conjunto que seja transparente e evite duplicações ou competição na região, em especial no Magrebe e no Machereque. Desejam também que os países da região sejam envolvidos a todos os níveis da sociedade. Para os optimistas, instalar um regime de segurança e estabilidade no mediterrâneo dependeria de um entendimento prévio entre a UE e os EUA quanto à política e estratégia para a região. Alguns estudiosos pensam que a não existência deste acordo pode ser o reconhecimento da secundarização da UE, com os seus interesses a surgirem subalternizados aos dos EUA.

Eu diria que, no presente, o relacionamento UE/EUA está na fase em que o filho propõe a seu pai escolher entre viver em sua casa mas já sem as prerrogativas paternas, obedecendo às novas regras por si definidas ou ficar entregue à sua própria, frágil, senectude.

[1] Adaptado do Trabalho de Investigação Individual no âmbito do Curso de Defesa Nacional 2004/2005.

[2] Foi Psiquiatra no Hospital do Conde de Ferreira e da Cadeia Central de Paços de Ferreira. Actualmente é Psiquiatra Forense no Hospital de Magalhães Lemos. Auditor de Defesa Nacional.

[3] António Horta Fernandes e António Paulo Duarte (in Nação e Defesa, n.º 91 – 2ª série, Outono de 99 pp. 95-127) definem risco como "... uma acção não directamente intencional e eventualmente sem carácter intrinsecamente hostil (contrariamente aos termos que caracteriza a ameaça na estratégia), provinda de um actor interno ou externo não necessariamente estratégico, mas que pode influenciar o carácter estratégico das decisões e acções estratégicas de um qualquer actor estratégico quando relacionado com esse actor que influencia." Quanto ao conceito de ameaça, estes autores definem-na como "... um acto dinâmico que tem por fito pôr perigo, ameaçar ferir ou matar alguém (...). Na perspectiva das Relações Internacionais da Estratégia, a ameaça visa sempre pôr em causa a segurança e a defesa de uma dada sociedade, seja o seu território, seja os seus valores físicos e ético-morais, através da demonstração de intenções de usar a coacção".

[4] Com o qual não têm conflitos relevantes desde há séculos, mantendo-se, ao contrário, uma tradição de interacção e compreensão mútuas. Os magrebinos têm apelado ao nosso país para que se desenvolva a cooperação bilateral.

[5] Ainda que, segundo Huntington, o mundo não se tenha tornado unipolar (uma superpotência, ausência de grandes potências e múltiplas potências menores) com o fim da Guerra Fria, mas multipolar (várias grandes potências de força equivalente cooperando e competindo umas com as outras num padrão variável), e daí ser necessária uma coligação de grandes Estados para resolver questões internacionais importantes (modelo europeu tradicional), os EUA parecem ser o "único Estado com proeminência em todos os domínios do poder – económico, militar, diplomático, ideológico, tecnológico e cultural – com o alcance e a capacidade para promover os seus interesses, virtualmente, em qualquer parte do mundo" (The Lonely Superpower).

[6] Carta a ser elaborada e promovida pelo Egipto e por mais quatro ou cinco países da região com o apoio dos EUA. Foi aprovada pela Shura do Parlamento da República Árabe do Egipto a constituição do Conselho Nacional dos Direitos Humanos no Egipto. A Presidência do Conselho será exercida pelo antigo Secretário de Estado das Nações Unidas, Dr. Butros Butros Ghali no Egipto. A Presidência do Conselho será exercida pelo antigo Secretário de Estado das Nações Unidas, Dr. Butros Butros Ghali.

83 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/08/26

EGIPTO. DA PRIMAVERA ÁRABE PARA A PRIMAVERA ISLÂMICA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/07/02

UM GOVERNO DE TRANSIÇÃO PARA A SÍRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2012/06/12

INTERVIR MILITARMENTE NA SÍRIA?

Alexandre Reis Rodrigues

2012/05/31

A ENCRUZILHADA EGÍPCIA

Alexandre Reis Rodrigues

2012/02/20

O QUE PODE SALVAR ASSAD NO CURTO PRAZO

Alexandre Reis Rodrigues

2011/12/21

A TURQUIA E A ARÁBIA SAUDITA PERANTE A CRISE SÍRIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/11/16

QUE DEVE SER FEITO EM RELAÇÃO AO IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/09/23

PALESTINA, O ESTADO 194º DAS NAÇÕES UNIDAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/09/10

O 11 DE SETEMBRO DEZ ANOS DEPOIS. UM BALANÇO

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/29

LÍBIA. FALTA FAZER O MAIS DIFÍCIL.

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/22

A LÍBIA PÓS KADHAFI

Alexandre Reis Rodrigues

2011/08/15

A QUESTÃO SÍRIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/06/20

A LÍBIA, TRÊS MESES DEPOIS

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/30

INTERVENÇÕES HUMANITÁRIAS? O CASO DA LÍBIA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/16

A INTERVENÇÃO DA NATO NA LÍBIA. FICÇÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/04/11

A CRISE LÍBIA. ONDE ESTÁ A UE?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/18

«TODAS AS MEDIDAS NECESSÁRIAS»

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/17

A DEMOCRACIA E A GUERRA AO TERROR NO MÉDIO ORIENTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2011/03/10

QUE DEVE SER DECIDIDO HOJE EM BRUXELAS SOBRE O LÍBIA? UMA ZONA DE EXCLUSÃO DE VOO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/15

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 4)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/10

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 3)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/07

O QUE É E O QUE VAI FAZER A IRMANDADE MUÇULMANA NO EGITO?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/04

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 2)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/02/01

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME? (ACTUALIZAÇÃO 1)

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/31

EGIPTO. O QUE ESTÁ À VISTA? MUDANÇA DE LIDERANÇA OU DE REGIME?

Alexandre Reis Rodrigues

2011/01/20

QUE FAZER COM O IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2010/06/09

A INSENSATEZ DOS SEM-LIMITES (OU A AUSÊNCIA DELIMITES NA ACÇÃO DOS INSENSATOS)

Vânia L. Cintra (Brasil)

2010/06/03

ISRAEL E A FROTA DA LIBERDADE

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/17

IÉMEN, A MARGEM DE MANOBRA PARA INTERVENÇÃO EXTERNA

Alexandre Reis Rodrigues

2010/01/08

IÉMEN, NOVA FRENTE CONTRA O TERRORISMO?

Alexandre Reis Rodrigues

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2009/02/17

GAZA E AS ELEIÇÕES EM ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2009/01/17

O PAPEL DO DIREITO INTERNACIONAL NA GUERRA ENTRE ISRAEL E O HAMAS: INTER ARMAS SILENT LEGES?

Tatiana Waisberg[1] (Brasil)

2009/01/16

QUEM VAI SER O VENCEDOR DO CONFLITO DE GAZA

Alexandre Reis Rodrigues

2009/01/03

OS CONFLITOS DE GAZA E DA ÍNDIA/PAQUISTÃO. UMA MÁ MANEIRA DE COMEÇAR 2009.

Alexandre Reis Rodrigues

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/19

OS VIZINHOS DO IRAQUE E A RETIRADA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/05/04

ISRAEL E SÍRIA: DO ATAQUE AÉREO DE 2007 A UM ACORDO DE PAZ EM 2008?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/15

O IRAQUE – UM BECO SEM SAÍDA?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/21

O DISCURSO DE ANGELA MERKEL: A VERGONHA INESQUECÍVEL

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/18

RETERRITORIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/02/26

PAQUISTÃO: NOVO MOTIVO DE INQUIETAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2008/02/07

IRAQUE: UM ATOLEIRO DE PROBLEMAS

Marcelo Rech[1]

2007/11/27

A CONFERÊNCIA DE ANNAPOLIS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/11/05

As AMBIÇÕES ESTRATÉGICAS DA TURQUIA E O PKK

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/09/27

O MISTERIOSO RAID ISRAELITA (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/09/22

O MISTERIOSO RAID ISRAELITA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/14

PODERÁ O IRÃO SER UMA POTÊNCIA REGIONAL?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/13

HÁ SOLUÇÃO PARA O IRAQUE?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/21

SOPRAM MAUS VENTOS NO IRÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/03/07

O LÍBANO – ENTIDADE SINGULAR

Manuel Martins Guerreiro

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira

2006/12/18

BUSH E O RELATÓRIO BAKER

Alexandre Reis Rodrigues

2006/11/13

O DESASTRE IRAQUIANO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/09/27

UM ENSAIO DE FUTURISMO GEOPOLÍTICO[1]

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/08/28

O QUE FAZER COM O IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/22

A GUERRA CIVIL NO IRAQUE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/13

UM ACORDO DE CESSAR-FOGO SEM DATA MARCADA?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/07

LÍBANO. AS SAÍDAS DA CRISE

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/02

A ESTRATÉGIA DO HEZBOLLAH NA GUERRA CONTRA ISRAEL

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

A ESTRATÉGIA ISRAELITA NO LÍBANO. ACABARAM AS VITÓRIAS RÁPIDAS?

Alexandre Reis Rodrigues

2006/08/01

ALGUMAS VERDADES[1]

António Borges de Carvalho

2006/07/29

ORIENTE MÉDIO: A IMPOTÊNCIA DA ONU E A INDIFERENÇA NORTE-AMERICANA

Marcelo Rech (Editor do site brasileiro InfoRel)

2006/04/06

O HAMAS NO PODER

Alexandre Reis Rodrigues

2006/03/19

A GUERRA DOS CARTOONS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/19

AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/02/09

OS DILEMAS DA VITÓRIA ELEITORAL DO HAMAS

Alexandre Reis Rodrigues

2005/03/10

A SEGUNDA QUEDA DO MURO DE BERLIM

Alexandre Reis Rodrigues